



UNICEUB – Centro Universitário de Brasília

Faculdade de Ciências e Saúde – FACES

Curso de Psicologia

**O Fundamentalismo Religioso a partir da Perspectiva de Professores/as e
Estudantes de Psicologia**

Carolina Gomes S. de Oliveira

RA: 21376820

Orientadora: Ana Flávia Madureira

Brasília

Novembro de 2016

O Fundamentalismo Religioso a partir da Perspectiva de Professores/as e Estudantes de Psicologia

Carolina Gomes S. de Oliveira

Estudante do 7º semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil

Resumo

O presente artigo tem como tema central compreender o fenômeno do fundamentalismo religioso a partir da perspectiva de alunos/as e professores do curso de Psicologia. Seu objetivo central é analisar as concepções e crenças de professores/as e estudantes do curso de Psicologia sobre o fundamentalismo religioso no Brasil e em outros países. O artigo traz informações da pesquisa empírica realizada com 3 participantes de uma instituição de ensino superior privada. Os instrumentos utilizados para a pesquisa de campo foram: imagens com conteúdos religiosos pré-selecionadas e uma entrevista semiestruturada. Os resultados mais significativos obtidos por meio dessa pesquisa empírica foram: necessidade de se abordar e discutir questões religiosas no currículo do curso de Psicologia, já que os alunos sentem a necessidade dessa discussão e acreditam na relevância dessa questão na prática profissional. O debate sobre preconceito, intolerância e gênero dentro das crenças religiosas, a partir do momento que essa problemática é percebida pelos participantes no cotidiano brasileiro e o Estado vem buscando combater de forma mais enérgica qualquer tipo de intolerância religiosa. Além do crescimento e influência do fenômeno fundamentalismo religioso nas diversas instâncias sociais, não só no Brasil, como no mundo.

Palavras chaves: fundamentalismo religioso, gênero, preconceito.

O fundamentalismo religioso é um dos temas mais abordados pela mídia atualmente, justamente por haver um grande número de atentados contra a população mundial utilizando a violência, como forma de chamar a atenção para os ideais religiosos propostos por esses grupos extremistas.

Por ser um tema atual, de grande repercussão, busca-se compreender mais a fundo como esses ideais fundamentalistas podem influenciar a população, mais

especificamente alunos/as e professores do curso de Psicologia, analisando de que forma esse grupo compreende esses tipos de ações extremas e como a Psicologia pode trabalhar com o tema em questão.

O estudo sobre o fundamentalismo religioso apresenta grande relevância social, pois é um fenômeno que ganhou maior visibilidade pública e vem tomando espaço dentro do cenário político brasileiro, por exemplo. Já no contexto acadêmico, a importância do estudo acerca desse assunto vem da busca por mais informações que possam auxiliar na compreensão deste fenômeno, saindo do senso comum e trazendo maior embasamento teórico.

A partir da justificativa de se trabalhar e compreender da melhor forma como ocorre o fenômeno relativo ao fundamentalismo religioso e buscar as suas principais implicações, o presente artigo propõe o seguinte problema de pesquisa: como o fundamentalismo religioso pode afetar as pessoas, mas especialmente as mulheres?

A relação entre o fundamentalismo religioso e os processos identitários

Segundo Armstrong (2001), o fundamentalismo religioso é uma atitude religiosa que perpassa categorias formais de religião e crença, que atravessa fronteiras institucionais, manifestando-se de diferentes formas em diferentes religiões mundiais.

Esse termo “fundamentalismo religioso” começou a ser empregado dentro de um contexto protestante, por meio de uma publicação religiosa, de 1915, “*The Fundamentals: a testimony of truth*” escrita por dois professores de Teologia da Universidade de Princeton, que propunham um cristianismo verdadeiro, com padrões rígidos e dogmáticos (Boff, 2002, citado por Savi, 2015). Posteriormente, o termo foi reapropriado por estudiosos da cultura, para fazer referência a posições inflexíveis com relação a outros discursos religiosos ou até mesmo políticos, que são direcionados, muitas vezes, para movimentos ditos de minorias, como os feministas e de igualdade racial (Savi, 2015).

O fundamentalismo religioso, segundo Gouvêa (2008), é responsável pelo retorno da religião às primeiras páginas dos jornais, seja pelos atentados terroristas, seja pela teologia pública de grupos conservadores estadunidenses. Ainda de acordo com o

autor, algumas pessoas chegam a sugerir que não existe o movimento fundamentalista ou que o mesmo está em declínio, mas ele afirma que essa crença se deve a uma confusão por não se usar a nomenclatura “fundamentalista” para identificar esta forma específica de religiosidade mais conservadora. Isso se deve ao fato de ter crescido a rejeição ao qualificativo, a partir do momento em que ninguém mais quer se associar a uma terminologia com carga semântica tão negativa. Esse tipo de termo se tornou pejorativo muito recentemente, talvez em virtude do fundamentalismo islâmico.

A partir destes exemplos, percebe-se de forma clara, como o fundamentalismo atinge uma grande parcela da população, não somente brasileira, mas mundial, trazendo os mais diversos impactos à sociedade e como esta prática está arraigada em diversos grupos que se autodenominam praticantes de uma religião mais conservadora.

De acordo com Araújo (2004), o fundamentalismo é um fenômeno que tende ao crescimento em todo o mundo, pois há políticas governamentais que os estimulam, principalmente por parte dos Estados Unidos em sua relação com o Oriente Médio e a Ásia. O autor ainda ressalta que os fundamentalistas vêm impondo a crença de que são os salvadores da Terra, que suas lutas são de uma ordem cósmica, que vai além do terreno, seria a luta entre o bem e o mal, os seguidores do fundamentalismo por sua vez seriam os “representantes” da Divindade.

A partir das mais diversas conceituações sobre o termo “fundamentalismo religioso” e algumas implicações analisadas por vários autores, é possível levantar os seguintes questionamentos: quais as implicações que o fundamentalismo religioso pode ocasionar na sociedade? De que forma pode-se compreender este fenômeno? Além disso, é importante também questionarmos: de que forma os processos identitários são observados dentro dessa cultura fundamentalista, não somente no âmbito religioso, mas nas mais diversas instâncias sociais?

Segundo Madureira (2000) e Madureira e Branco (2007, citado por Madureira, 2010), as identidades sociais apresentam basicamente duas funções importantes: a de vincular o sujeito a grupos sociais a partir da construção de sentimentos de pertencimento a determinados grupos dentro da sociedade e funcionam também como coordenadas culturais que, das mais diversas formas, constituem a subjetividade. Além disso, a construção de identidades sociais também está relacionada à manutenção e

transformação das fronteiras simbólicas sobre quem pertence ou não a determinado grupo (Madureira, 2010).

Para além de um processo de pertencimento e construção de sentimentos, a identidade social tem como sua marcação crucial a diferença como parte do processo de identificação, segundo Woodward (2000, citado por Galinkin & Zauli, 2011), isso significa que para o indivíduo se identificar com um grupo de pessoas, é necessário que ele também consiga se diferenciar de outros grupos, para construir um sentimento de pertencimento. Essa diferenciação pode ser construída de forma negativa, com a exclusão das pessoas que são denominadas como “outros”, porém, a diferença também pode ser considerada como uma fonte enriquecedora de diversidade, heterogeneidade e hibridismo (Woodward, 2000).

Apesar do conceito de identidade trazer o aspecto de pertencimento e também de diferença, o fundamentalismo religioso em muitos casos tem em sua essência essa forma negativa de marcação simbólica da diferença, sem levar em consideração a diversidade de opiniões, crenças, orientações, etc. Essa forma negativa de marcação simbólica da diferença está muito atrelada com os preceitos fundamentalistas, que se consideram detentores de uma verdade absoluta.

Dentro dessa discussão sobre o fundamentalismo e as questões de identidades sociais, também é possível trazer à discussão as questões de gênero, já que o problema de pesquisa proposto pela pesquisa presente nesse artigo visa compreender como o fundamentalismo religioso pode afetar as pessoas, mas principalmente as mulheres.

Segundo Louro (1998) e Scott (1995, citado por Madureira, 2010, p.21) “gênero é um conceito eminentemente relacional”. Ele deve orientar o desenvolvimento de análises relacionais, com isso as relações de gênero desiguais são muitas vezes sustentadas por crenças, valores, práticas culturais e concepções por parte de homens e mulheres. Por isso, a questão de gênero é tão complexa e gera, até mesmo, um desconhecimento por grande parte da população, confundindo gênero e sexualidade.

Essas relações de gênero desiguais sustentadas pelas crenças podem ainda ser relacionadas com os conceitos de masculinidade e feminilidade, que para Parker (1991) foram definidos como uma oposição fundamental, como uma espécie de tese e antítese,

onde o homem seria caracterizado por sua superioridade e força, e a mulher como inferior ao homem, bela, desejável e sujeita a completa dominação masculina.

A visão oposta entre masculinidade e feminilidade advém de um patriarcalismo que perpassa na cultura brasileira há muitos anos. De acordo com Parker (1991), as questões históricas que tornaram possível a configuração patriarcal desapareceram há muito tempo, porém esse raciocínio continuou afetando a maneira como o brasileiro visualiza seu meio social. Porém, a sociedade atual vem caminhando em direção à rejeição dos ditames do patriarcalismo, que há anos oprime as mulheres em geral, e que atualmente não consegue se sustentar diante dos avanços da crítica advinda das ciências sociais e humanas (Gouvêa, 2008).

Ainda com essa visão patriarcal muito presente em seu discurso, o fundamentalismo religioso se utiliza de uma visão extremamente conservadora para que haja uma manutenção em relação a dominação masculina sob as mulheres, afetando consequentemente o comportamento feminino. Atualmente, as mulheres ainda apresentam uma posição de controle social sobre o corpo e sua sexualidade quando ‘julgam’, ‘avaliam’ o comportamento sexual de outras mulheres (Madureira, 2010). Esse controle social é claramente percebido, quando historicamente, as mulheres estavam sujeitas a um controle muito mais rígido do que os homens, no interesse de proteger a sua virgindade, a honra, e por consequência, a honra de seu pai. (Parker, 1991).

As implicações do fundamentalismo religioso na sociedade: discurso de ódio e preconceito

As ideologias fundamentalistas no campo da religião inviabilizam uma abertura para novos pensamentos, atitudes e paradigmas que atualizem a sociedade fazendo com que ela seja mais diversa, plural, permitindo novas concepções. Dessa forma, mudanças trariam novas vertentes que podem colocar em dúvida questões importantes para o pensamento fundamentalista, dentro de qualquer religião. E a principal ideologia fundamentalista seria de uma verdade única e inquestionável, então essas mudanças são consideradas como algo negativo nessas concepções.

Algumas consequências preocupantes dessa ideologia fundamentalista podem vir a ocorrer, como o discurso de ódio, a discriminação e o preconceito. Casos de

violência também são frequentes e demonstram atitudes extremas em prol de uma ideologia, como é o caso do grupo autointitulado Estado Islâmico.

O discurso de ódio é conceituado como uma “expressão do pensamento que desqualifica, humilha e inferioriza indivíduos e grupos sociais” (Castro & Freitas, 2013, p.344). Este comportamento tem como intuito discriminar o outro que é julgado como “diferente”, seja por ser homossexual, negro, ou ter uma religião diferente.

Com isso, o discurso de ódio traz consequências, pois é a partir dele que ações violentas podem ser geradas, principalmente contra as minorias. Esta é uma das consequências mais graves das ideias fundamentalistas, já que seus praticantes não o consideram como ações extremas e até mesmo justificam essas violências como uma forma de punição àqueles que julgam serem diferentes. Dessa forma, hoje o Brasil é um dos países que mais matam mulheres, homossexuais, negros, deixando claro que a intolerância e o discurso de ódio, tornaram-se um grave problema de ordem social.

Segundo Santos (2014), as teologias tradicionalistas intervêm na sociedade política utilizando como justificativa as regulações sociais e políticas do passado, considerando ser a melhor solução para o presente. Além disso, se utilizam de “(...) dados teológicos de modo a enfatizar as ideias políticas que reconduzem a autoridade política para à autoridade religiosa com o propósito de proporcionar à política a estabilidade e imunidade que a religião possui” (Santos, 2014, p.47).

Com isso surgem questionamentos sobre as “bases” dessas ações e pensamentos radicais, o que nos leva a pensar que tudo isso pode estar intimamente ligado ao fenômeno do preconceito dentro da nossa cultura.

Para Myers (2014, p.247) o preconceito é uma atitude, seria o “julgamento negativo preconcebido de um grupo e seus membros individuais.” Para exemplificar a definição de preconceito, o autor traz os seguintes dados: depois do atentado de 11 de setembro de 2001 e da Guerra no Iraque, 4 em cada 10 estadunidenses admitiam ter “alguns sentimentos de preconceito contra muçulmanos” e metade dos nos não muçulmanos na Europa Ocidental percebia os muçulmanos negativamente e como “violentos” (Pew, 2008; Saad, 2006; Wike & Grim, 2007, citado por Myers, 2014).

Isso demonstra a gravidade do problema do preconceito vivido por várias camadas da população, que tem se unido, lutado por leis e punições mais rígidas

àqueles/as que ainda insistem em utilizar a violência de qualquer tipo para demonstrar a sua insatisfação. Não é só a questão religiosa que pode exemplificar as implicações do preconceito, mas gays, lésbicas, transexuais, negros, grupos minoritários também podem se enquadrar como os grupos que sofrem, atualmente, com a violência do preconceito.

Para Madureira e Branco (2012) os preconceitos são fenômenos de fronteira. Ou seja, “(...) preconceitos como fronteiras simbólicas rígidas, construídas historicamente e com forte enraizamento afetivo acabam por se constituir em barreiras culturais entre grupos sociais e entre indivíduos” (Madureira, 2007a; 2007b; 2007c; 2008 citado por Madureira & Branco, 2012, p.125).

Partindo dessa discussão, mostra-se claro que o preconceito é um fenômeno da cultura. Para Valsiner (2012, p.21) “[cultura] O termo implica, inegavelmente, alguma forma de modificação construtiva no curso natural das coisas.”, cultura possui seus valores, crenças e construções de significados, entre outras características. O preconceito está presente de forma sutil nas relações cotidianas, trazendo também implicações no plano das interações sociais, no plano subjetivo, influenciando as vivências cognitivas e afetivas do indivíduo, além da sua compreensão sobre si mesmo e sobre o mundo social no qual está inserido (Madureira & Branco, 2012).

Após essa discussão, é perceptível a importância da inclusão da Psicologia no cenário de estudo acerca das implicações que envolvem o fundamentalismo religioso. A urgente necessidade dos profissionais conhecerem mais a fundo o assunto e procurarem estudar para buscar respostas capazes de trabalhar apropriadamente as situações cotidianas.

A Psicologia precisa estar ciente das implicações que o fundamentalismo religioso tem sobre o indivíduo e as consequências que ele pode causar na vida psíquica e social da população em geral. Com estudos e pesquisas realizadas nessa área, será possível conhecer de forma mais aprofundada o assunto.

O objetivo deste trabalho, então, é analisar as concepções e crenças de professores/as e estudantes do curso de Psicologia sobre o fundamentalismo religioso no Brasil e em outros países.

A partir deste objetivo mais amplo, os objetivos específicos são: compreender de que forma o fundamentalismo religioso pode influenciar diferentes instancias sociais, bem como concepções e crenças individuais a partir da perspectiva de professores/as e estudantes do curso de Psicologia, além de analisar como o fundamentalismo religioso, no Brasil e em outros países é percebido pelos/as participantes, mediante a realização de entrevistas semiestruturadas.

Método

A pesquisa foi realizada com cunho qualitativo. Segundo Minayo (2004), a pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, crenças, motivações, atitudes e valores, correspondendo a um espaço mais profundo das relações que não podem ser reduzidos a uma operacionalização de variáveis. Além disso, a abordagem qualitativa busca aprofundar-se no universo de significados das ações e relações humanas. O processo de pesquisa pode ser denominado como ciclo da pesquisa, em que o trabalho começa com um problema ou pergunta e tem em seu fim um produto provisório capaz de dar origem a novas indagações (Minayo, 2004).

Com isso, de forma específica busca-se compreender as implicações do fundamentalismo religioso nas mais diversas ações e relações humanas, sobre a perspectiva de alunos/as e professores de Psicologia, tentando entender a “base” desse fenômeno complexo e tão presente na contemporaneidade.

Participantes

A pesquisa foi realizada com 3 participantes, sendo 2 do gênero feminino e 1 do gênero masculino, com idade entre 22 e 32 anos. Os nomes dos participantes foram mantidos em sigilo e foram identificados pela ordem em que foram entrevistados. O participante do gênero masculino considerava que não possuía religião e as participantes do gênero feminino se consideravam pertencentes à religião católica. Todos os participantes pertencem a uma instituição de ensino superior particular, sendo 2 participantes alunos do curso de Psicologia e o outro participante, professor do curso de Psicologia.

Materiais e Instrumentos

Os materiais utilizados durante o processo de realização da pesquisa de campo foram: um celular para gravar as entrevistas em áudio, um *tablet* para que as imagens fossem apresentadas aos participantes, um roteiro de entrevista impresso em papel, para orientar a pesquisadora durante as entrevistas, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi impresso em duas vias para a assinatura dos participantes.

Os instrumentos usados na pesquisa de campo foram às imagens selecionadas previamente, contendo figuras relacionadas a conteúdos religiosos e a entrevista individual semiestruturada.

Procedimentos de Construção de Informações

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do UNICEUB. Durante a pesquisa de campo, todos os participantes foram informados sobre o sigilo em relação a sua identidade e que as entrevistas seriam gravadas em áudio para a realização, posterior de transcrições. Em todas as entrevistas, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado tanto pelos participantes, como pela orientadora e pela pesquisadora. As imagens previamente selecionadas foram apresentadas aos participantes antes da realização da entrevista individual semiestruturada.

Procedimentos e Análise

Após a realização da pesquisa de campo, todas as entrevistas tiveram seus áudios transcritos. Com a orientação da orientadora Ana Flávia Madureira e analisando o conteúdo presente nas transcrições, foram construídas três categorias analíticas temáticas. Sendo elas: as concepções e crenças sobre fundamentalismo religioso no Brasil: a partir da perspectiva dos/as participantes, as implicações do fundamentalismo religioso nas relações e diferentes instâncias sociais e a religião como questão abordada nos cursos de formação em Psicologia.

Resultados e Discussão

A seguir será apresentada uma articulação teórica utilizando o discurso dos participantes de pesquisa e alguns autores que foram citados na introdução, baseada nas categorias analíticas temáticas construídas e que orientaram o trabalho interpretativo.

As concepções e crenças sobre o fundamentalismo religioso no Brasil

O fundamentalismo religioso, de forma geral, é o tema central do artigo, por isso acredita-se ser importante conhecer a sua definição. Na entrevista semiestruturada havia uma questão referente ao conceito de fundamentalismo, questionando o que era fundamentalismo religioso na opinião do participante.

Os participantes 1 e 2 definiram fundamentalismo religioso de forma muito semelhante, conceituando-o como uma postura intolerante, que leva seus preceitos a riscar dentro da religião, como uma imposição de suas crenças a outras pessoas. A definição empregada por esses dois participantes pode ser associada com a definição proposta por Boff (2002, citado por Savi, 2015), que define fundamentalismo religioso como um termo reapropriado por estudiosos da cultura, fazendo referência a posições inflexíveis em relação a discursos religiosos ou até mesmo políticos.

Além da conceituação de Boff (2002), outros autores irão conceituar fundamentalismo religioso de forma semelhante. Esses autores irão falar que fundamentalismo é uma forma de pensamento baseada numa “determinada concepção de verdade, que se confunde com a posse do Fundamento” (Borges, 2010, p.76 citado por Santos, 2014).

Porém, o participante 3 quando questionado sobre a definição de fundamentalismo religioso, apresentou a seguinte definição: *“eu acredito que seja a básica teórica da religião em si, o que fala em todas as religiões, na verdade, eu não sei muito bem definir.”* Essa definição incorreta sobre o fenômeno pode ter sido expressa por um desconhecimento sobre o assunto, justamente por falta de debate, por não conhecer as implicações por trás do fundamentalismo religioso. Por outro lado, o participante possui o conhecimento de exemplos de ações fundamentalistas, principalmente as que são veiculadas pela mídia.

Para Madureira e Branco (2015), dentro do campo de estudo interdisciplinar sobre as questões de gênero, sugere-se que os aspectos teórico-conceituais sejam introduzidos após as discussões de exemplos concretos sobre o cotidiano escolar. Com isso, acredita-se que as discussões sobre as questões de gênero se tornam mais produtivas e significativas. Da mesma forma, podemos utilizar essa sugestão para trazer

o fenômeno do fundamentalismo religioso a uma discussão mais significativa entre os alunos/as do curso de Psicologia.

Para exemplificar as ações fundamentalistas, Caputo (2008) traz em seu texto alguns discursos que merecem atenção, por se tratarem de ações preconceituosas exercidas por professores de escolas públicas, no contexto da sala de aula, em relação às religiões de matriz africana. Ela cita a fala de uma professora, que traduz claramente como os fundamentalistas acreditam que sua ideologia é uma verdade absoluta e qualquer outra vertente religiosa é considerada desviante do “padrão” dito como correto: “Mas o catolicismo não é coisa do diabo, é a religião normal” (Caputo, 2008, p.173).

Na apresentação das imagens para os participantes, uma informação expressiva foi apontada: a questão da intolerância religiosa sofridas pelas religiões de matriz africana, no Brasil. Em uma imagem apresentada, que continha uma mãe de santo em um terreiro de umbanda queimado, todos os participantes foram unânimes em dizer que sentiam tristeza, indignação e vergonha quando entravam em contato com a imagem.

“[...] eu sinto vergonha, tristeza acompanhada e isso vai se transmutando numa certa indignação... é algo que mobiliza assim. [...] Então, é uma espiritualidade que está mais ligada, especialmente... está muito forte conectada com a perspectiva das matrizes africanas e aí, pelo o que eu percebo cotidianamente que as matrizes africanas são uns dos fortes alvos desses... preconceitos.”
(participante 1)

Além da definição apresentada por Madureira & Branco (2012), que definem preconceito como fenômeno de fronteira, que tem um enraizamento afetivo e histórico, formando barreiras culturais entre os grupos sociais. Pérez-Nebra e Jesus (2011) citam que o preconceito no Brasil não está apenas nas atitudes e práticas das pessoas, mas está também na estrutura social que exclui as populações sócio-historicamente, estratificando os grupos de maneira desigual.

Essas ações de discriminação e intolerância contra as religiões de matriz africana, que foram abordadas pelos participantes, estão amplamente conectadas com as questões sócio-históricas que os negros sofrem desde o período de colonização, quando

suas religiões foram proibidas por não estarem dentro da “norma” cristã prevista pelo Estado na época:

“A partir da Assembleia Constituinte de 1823 que, no seu artigo 16, a religião do Estado por excelência, e a única mantida por ele. (...) em 1831, o Império do Brasil passava a ter o seu 1º Código Criminal que, em seu artigo 276, considerava como ofensa à religião celebrar culto ou outra religião que não fosse a do Estado.” (Beniste, 2006, citado por Caputo, 2008, p.169)

As entrevistas demonstraram que todos os participantes percebem ações de perseguição religiosa, além de uma cultura fundamentalista, com intolerância, preconceito, discriminação e violência, dentro de diversas vertentes religiosas, no Brasil. A partir disso, alguns participantes tem opiniões divergentes em relação às leis brasileiras que punem atos de intolerância religiosa.

O participante 1 considera que as leis precisam ser mais rígidas em relação aos casos de intolerância, que o Estado brasileiro ainda é pouco atuante no que se refere às políticas públicas de combate à intolerância religiosa, porém, o participante 2 observa o Estado tem buscado alternativas de conscientização por meio de propagandas e que as leis estão mais rígidas para punir casos extremos. Na opinião do participante 3, o Estado é indiferente a essas questões.

“... eu vejo a ação do Estado ainda e maneira muito tímida, com o advento da Secretaria de Direitos Humanos no governo Lula, isso passou a ser pautado, as ações efetivas de combate à discriminação nesse ponto, elas entraram no final da fila das prioridades, mas chegam a ter algum impacto...” (participante 1)

“Eu acho que está melhorando. Ontem mesmo, eu vi uma propaganda falando disso, de umbanda e tal, que fazem parte da cultura... então eu acho que talvez esteja melhorando.” (participante 2)

A partir dos discursos dos participantes e as informações trazidas pelos autores, fica evidente que o fundamentalismo religioso está muito presente na sociedade brasileira, porém, em muitos casos, não é percebido de maneira clara pelos participantes, justamente por ser abordado como um fenômeno distante da realidade brasileira, como no caso do fundamentalismo islâmico.

As implicações do fundamentalismo religioso nas relações e diferentes instâncias sociais

O fundamentalismo religioso pode ocasionar as mais diversas ações, trazendo consequências a todos os indivíduos, mas uma das consequências mais marcantes e sutis desse fenômeno é no âmbito das relações interpessoais. Durante a pesquisa de campo, o depoimento do participante 1 foi o que melhor ilustrou essa problemática das relações interpessoais, quando questionado se o fundamentalismo religioso poderia ocasionar consequências nas relações entre as pessoas.

“Eu , por exemplo, tenho um cunhado... irmão da minha esposa que é extremamente, ultra católico, conservador, monarquista e ele não se considera uma pessoa intolerante e preconceituosa, ele se diz apenas um servo fiel dos ideias que ele acredita. [...] Esse meu cunhado é uma figura extremamente polêmica... não só polêmica, por isso só não seria uma coisa ruim, não afetaria as relações interpessoais, pela sua postura intolerante, estar com ele é sempre um desafio, pra mim, pra irmã dele, para os pais, para a família dele como um todo, então ele encontra abrigo, com a postura dele, com alguns amigos dele tão intolerantes quanto.” (participante 1)

A partir do discurso deste participante, sobre a dificuldade em se relacionar com uma pessoa fundamentalista, exemplifica-se de forma clara o que Araújo (2008) ressalta em seu trabalho. Para o autor, os fundamentalistas impõem a crença de que são os salvadores da Terra, que sua luta seria entre o bem e o mal, sendo “representantes” da Divindade. Com esse tipo de raciocínio, não há espaço para o diálogo, abertura de novos conhecimentos e relacionamentos com pessoas que divergem da opinião considerada como verdadeira, trazendo consequências sérias às relações interpessoais, que são tão importantes dentro de uma sociedade harmônica e plural.

Além do depoimento do primeiro participante, os outros também possuíam uma opinião parecida no que diz respeito às dificuldades encontradas nas relações interpessoais causadas pelo fundamentalismo religioso. *“Acho que se uma pessoa é muito religiosa e tenta impor a sua religião ao outro, isso vai gerar conflito, então acho que é prejudicial.”* (participante 2)

A partir desses depoimentos apresentados pelos participantes de pesquisa, é possível observar a dificuldade que os fundamentalistas religiosos enfrentam em se

relacionar com outras pessoas, podendo articular essa dificuldade com o conceito de identidades sociais, já que elas vinculam o sujeito a grupos sociais a partir da construção de sentimentos de pertencimento, além de constituírem a subjetividade e colaborarem na manutenção de fronteiras simbólicas sobre quem pertence ou não a determinado grupo (Madureira, 2010).

As identidades sociais são formas de se compreender o sujeito em suas relações sociais, com isso a pluralidade é uma questão básica do ser humano, que busca se distinguir uns dos outros, pois é natural da cultura a diferenciação entre as pessoas, para que assim seja gerado um autoconhecimento (Arendt, 2007 citado por Galinkin & Zauli, 2011).

Ainda abordando essa questão das relações interpessoais, as questões de gênero também podem ser abordadas na discussão do fundamentalismo religioso. O participante 2, quando questionado sobre sua posição diante do caso de proibição do uso da burca por mulheres e adolescentes muçulmanas nas escolas da França em 2011, trouxe em seu discurso contribuições importantes: *“Eu também acho que está errado, porque ainda mais na França, que é um país que recebe imigrantes de todos os lugares e se diz um país tão aberto à mudança, à pluralidade, eles fazerem isso eu também acho um desrespeito [...]”*

Esse depoimento da participante gera questionamentos relevantes em relação ao poder de escolha que as mulheres têm dentro da sociedade, até mesmo na França, um país que historicamente buscou a igualdade entre as pessoas. Questiona-se até que ponto o fundamentalismo pode prejudicar essa liberdade, trazendo opressão às mulheres, que já conquistaram diversos direitos, mas que ainda são extremamente oprimidas no seu direito de escolha.

Para Gouvêa (2008), o discurso fundamentalista rejeita o feminismo, nega às mulheres a sua emancipação, coloca-as como submissas ao homem, como um papel auxiliar a eles. Bourdieu (2005) analisa também a violência simbólica vivida pelas mulheres, quando a dominação masculina é afirmada na objetividade de estruturas sociais, atividades produtivas e reprodutivas, com base em uma divisão sexual do trabalho, de produção e reprodução biológica.

Claramente, esse tipo de posicionamento em relação ao papel exercido pelas mulheres, vem de uma questão histórica e que diverge do pensamento contemporâneo, a partir do momento em que as mulheres têm lutado para conquistar um espaço mais igualitário e provam diariamente que são capazes de conquistar uma posição tão

relevante quanto a do homem na sociedade brasileira. Apesar da cultura fundamentalista ainda reafirmar a posição patriarcalista e conservadora do posicionamento feminino dentro da sociedade.

Segundo o discurso do participante 1, é evidente como essa questão do patriarcalismo e da violência simbólica estão arraigados na cultura brasileira, sendo observado nas mais diversas instâncias da sociedade. “(...) *o que aconteceu agora no Brasil, com o que eu considero também como o golpe, na presidência da República, sustenta a perspectiva desse afastamento da presidenta é pelo fato dela ser mulher, é por uma misoginia, que está posta aí, por uma intolerância (...)*” (participante 1)

Após a articulação dos depoimentos dos participantes com os estudos recentes sobre o assunto, fundamentalismo religioso, compreende-se que o fenômeno tem implicações bem mais profundas nas questões de gênero e trazem consequências no atual papel exercido pela mulher na sociedade.

A religião como questão abordada nos cursos de formação em Psicologia

A questão da religião dentro do curso de Psicologia ainda é muito polêmica e divergente. A ciência ainda é vista por algumas pessoas como antagônica à religião, justamente por ser abstrata e passível de questionamentos e a pela religião ser um fenômeno pessoal e de difícil comprovação. Dessa forma, a Psicologia como uma ciência, ainda tem suas resistências nas discussões sobre fenômenos religiosos, apesar do crescente número de pesquisadores que se interessam na análise mais profunda desse fenômeno.

Baseado nesse debate, e buscando alternativas para essa discussão, a pesquisa trouxe a tona o questionamento: como as religiões poderiam ser abordadas dentro do curso de Psicologia?

Os participantes trouxeram contribuições válidas a essa discussão. Eles consideram que uma disciplina específica para se debater questões religiosas é importante, tanto no campo da Psicologia Social, da Psicologia Educacional ou da Psicologia Clínica, até mesmo em linhas de pesquisa ou atividades de extensão.

Além desse debate sobre a inclusão do tema religião no contexto da Psicologia, o participante 1 pontuou que a Psicologia, historicamente, não é uma disciplina que está atrelada às diversidades, mas a uma questão de padronização do sujeito. “*os cursos de Psicologia ainda têm encarado de forma tímida, as diversidades, qualquer que seja ela, porque a Psicologia está comprometida com aquilo que é considerado padrão,*

padronizar o sujeito, ter uma atuação de cunho mais ortopédico [...] aquilo que é diverso, em alguma medida é considerado errado [...]” (participante 1)

Esta padronização do sujeito fica clara quando discutimos a questão de esteriótipos, definido por Pérez-Nebra e Jesus (2011, p.223) como “atribuição de crenças que se faz a grupos ou pessoas (conscientes ou inconscientes).” Ainda segundo as autoras, o esteriótipo é a base do preconceito (Pérez-Nebra & Jesus, 2011). A partir desses esteriótipos, o fundamentalismo religioso, gera a crença de que as pessoas que não estão enquadradas dentro da norma devem ser excluídas, assim como historicamente fez a Psicologia.

Assim como a Psicologia teve uma postura excludente e padronizadora em sua história, o fundamentalismo religioso também expressa postura semelhante, e permite que o preconceito e a discriminação encontrem um campo “fértil”.

O preconceito e a discriminação podem ser reduzidos com uma reflexão crítica partindo do sujeito, já que a apresentação de informações não é suficiente para que haja uma redução de fenômenos, porém a reflexão e a busca de informações devem ser um processo realizado em paralelo, buscando uma otimização (Pérez-Nebra & Jesus, 2011).

Com isso, todos os participantes demonstram interesse pelo debate, pela busca de informações aprofundadas sobre o assunto, principalmente em relação ao debate utilizando os exemplos cotidianos como forma de se alcançar mais facilmente os alunos/as do curso de Psicologia.

Essa alternativa da reflexão crítica pode ser útil tanto no combate ao fundamentalismo religioso como na inserção de disciplinas relacionadas à religião dentro dos cursos de Psicologia, já que busca trazer uma reflexão do sujeito sobre os fenômenos e debater questões relevantes à sociedade atual.

Conclusão

O objetivo desse trabalho foi analisar as concepções e crenças de professores/as e estudantes de Psicologia sobre o fundamentalismo religioso no Brasil e em outros países. A partir das categorias analíticas temáticas construídas, de acordo com as transcrições das entrevistas dos participantes de pesquisa, foi possível identificar as problemáticas geradas pelo fundamentalismo religioso.

Dentre as principais contribuições apresentadas pela pesquisa, foi possível conhecer como ocorria a compreensão do fenômeno fundamentalismo religioso pelos

próprios estudantes e professores de Psicologia, demonstrando, a partir do discurso dos participantes, como o assunto é importante para a discussão e que o debate sobre questões de preconceito e intolerância é de interesse dos mesmos.

A pesquisa possui algumas limitações, como o baixo número de participantes que concederam a entrevista, as imagens geraram algumas dúvidas relacionadas ao seu conteúdo e a escolha de participantes com uma maior diversidade de religiões poderia ter enriquecido ainda mais os resultados alcançados pela pesquisa.

O maior empecilho encontrado no processo de pesquisa foi a dificuldade dos participantes em abordar a questão do fundamentalismo religioso de forma mais aprofundada, pois alguns deles desconheciam seu conceito ou nunca tinham discutido sobre o assunto. Ao final do trabalho, após essa dificuldade encontrada pelos participantes, reitera a necessidade de discussão e debate sobre o assunto.

A partir dessa pesquisa propõe que o assunto seja mais divulgado como parte dos fenômenos de estudo da Psicologia, buscando maiores contribuições para o entendimento do fenômeno fundamentalismo religioso e melhorar as práticas de acolhimento das pessoas que procuram a Psicologia Clínica para atendimento e que tem as crenças religiosas como parte significativa de sua subjetividade.

Ao longo do trabalho foi discutida a necessidade de utilizar exemplos cotidianos para que se pudesse alcançar de forma mais efetiva os alunos em relação a discussão do fenômeno fundamentalismo religioso, reitero essa sugestão de metodologia justificando a facilidade com que os participantes de pesquisa obtiveram em falar sobre o fundamentalismo religioso a partir do momento que encontraram nas imagens exemplos práticos das consequências do fenômeno.

Ao finalizar esse artigo, sugere-se então que outros estudos possam ser desenvolvidos, principalmente, estudos que abordem de maneira aprofundada a condição da mulher dentro do fenômeno do fundamentalismo religioso e as consequências que isso pode ocasionar na população. Além do desenvolvimento de trabalhos com amostras mais diversificadas, construindo informações mais diversificadas e que possibilitem a desconstrução de paradigmas que reforçam as desigualdades sociais.

Referências Bibliográficas

- Araújo, E. J. (2004). *Terrorismo Internacional: Fundamentalismo Religioso e Globalização*. Brasília: Livraria Herança Judaica Editora LTDA.
- Armstrong, K. (2001). *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia da Letras.
- Bourdieu, P. (2005). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Caputo, S. G. (2008). Ogan, adósu, oje, egbonmi e ekedi: o candomblé também está na escola. Mas como? Em A. F. Moreira & V. M. Candau (Orgs.), *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas* (pp. 149-181). Petrópolis - RJ: Vozes.
- Castro, M. F. & Freitas, R. S. (2013). *Liberdade de Expressão e Discurso de Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão*. Sequência (Florianópolis), 66, (pp. 327-355).
- Galinkin, A. L. & Zauli, A. (2011). Identidade social e alteridade. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 253-261). Porto Alegre: Artmed.
- Gouvêa, R. Q. (2008). *A condição da mulher no fundamentalismo: reflexões transdisciplinares sobre a relação entre o fundamentalismo religioso e as questões de gênero*. Mandrágora, São Paulo, n. 14, p. 13-24.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2007). Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 81-90. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n1/a10v23n1.pdf>
- Madureira, A. F. A. (2010). Gênero, fronteiras simbólicas e imagens: implicações metodológicas e educacionais. *Anais – Simpósio: Gênero e Psicologia Social* (pp.17-30). Brasília: TechnoPolitik.

- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2012). As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 577-591. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n3/v23n3a05.pdf>
- Minayo, M. C. S. (2004). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. Em Minayo, M. C. S. (Org.), *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. (pp. 9-29). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Myers, D. G. (1995). Prejuicio: desagrado por los demás. Em D. G. Myers, *Psicología Social* (pp. 345-385). México: McGraw-Hill.
- Parker, R. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller.
- Pérez-Nebra, A. R. & Jesus, J. G. (2011). Preconceito, estereótipo e discriminação. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia social: principais temas e vertentes* (pp. 219-237). Porto Alegre: ArtMed.
- Savi, R. M. (2015). *Os impactos do discurso de ódio na saúde mental de ativistas dos direitos humanos* (Monografia não publicada). Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF.
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução conceitual. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis: Vozes.